



O TEATRO DO OPRIMIDO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORAS E PROFESSORES DE TEATRO: investigações a partir do projeto de extensão Teatro do Oprimido na comunidade – TOCO

MARINA XAVIER PAES

Marina Xavier é graduada no curso de Licenciatura em Artes Cênicas na Universidade Federal de Brasília – UnB. No momento cursa uma pós-graduação na linha de Ensino e Percursos Poéticos pela Universidade Federal de Pelotas – UFPel, com orientação de Fabiane Tejada da Silveira, onde participa do projeto de extensão Teatro do Oprimido na Comunidade desde 2017.

FABIANE TEJADA DA SILVEIRA

Professora Adjunta do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). É líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Teatro, Educação e Práxis Social.

RESUMO

O presente artigo se propõe, através de relatos de experiências, a refletir como as práticas do projeto de extensão *Teatro do Oprimido na Comunidade* (TOCO) podem contribuir na formação de professores de teatro. O projeto TOCO existe desde 2010 e é vinculado à Universidade Federal de Pelotas – UFPel com o objetivo de pesquisar as obras de Augusto Boal e Paulo Freire, levando o Teatro do Oprimido a comunidades através de oficinas e cenas-fórum. Dentre os relatos trazidos no texto, o leitor encontrará experiências de extensionistas que propuseram atividades do arsenal do oprimido em eventos, escolas, cursos de formação de professores e outros projetos de educação popular. O método de pesquisa combina a pesquisa-ação e a cartografia. A coleta de dados aconteceu através de entrevistas (com extensionistas e ex-extensionistas) e relatórios no diário de bordo da autora. As principais bibliografias utilizadas no artigo são as obras de Paulo Freire e Augusto Boal.

PALAVRAS-CHAVE:

Formação de professores.
Extensão,
Teatro do Oprimido.

ABSTRACT

The present article proposes, through experience reports, to reflect how the practices of the project Theater of the Oppressed in the Community - TOCO can contribute to the formation of theater teachers. The TOCO project exist since 2010 and is linked to the Federal University of Pelotas - UFPel with the objective of researching the works of Augusto Boal and Paulo Freire, bringing the Theater of the Oppressed to communities through workshops and forum scenes. Among the reports brought in the text, the reader will find experiences of extensionists who proposed activities of the arsenal of the oppressed in events, schools, teacher training courses and other popular education projects. The research method is a mixture between action- research and cartography. Data collection took place through interviews (with extension agents and ex-extension agents) and reports in the author's logbook. The main bibliographies used in the article are the works of Paulo Freire and Augusto Boal.

KEYWORDS:

*Teacher training.
Extension.
Theater of the Oppressed.*



O presente artigo se propõe a tecer um relato de

minhas experiências como participante do projeto de extensão¹ *Teatro do Oprimido na Comunidade* – TOCO, na Universidade Federal de Pelotas – UFPel. O objetivo é refletir sobre como o contato com as práticas do Teatro do Oprimido, no TOCO, podem reverberar na formação dos alunos do Curso de Teatro que se vinculam ao projeto. O que apresento aqui é um fragmento de minha pesquisa de pós-graduação, nível de especialização, que está em andamento. O método utilizado mescla características da pesquisa-ação e da cartografia. Os dados analisados foram coletados tanto através de entrevistas com colegas quanto através de meu próprio diário de bordo.

Para os leitores que ainda estão se familiarizando com o trabalho de Boal, farei uma breve apresentação. O Teatro do Oprimido (TO) é um arsenal de técnicas teatrais, direcionadas a atores e não atores, que foi sistematizado pelo brasileiro Augusto Boal na década de 70. O objetivo dessa poética é tratar das situações de opressão que acontecem em nossa sociedade. O TO busca construir um ambiente propício para que oprimidos encontrem, juntos, caminhos possíveis para solucionar problemas apresentados. Com isso, as estratégias opressivas vão sendo desarticuladas, enquanto coletivos para a liberdade se organizam. Nas palavras de Boal: “O Teatro do Oprimido quer ser um *espelho mágico* onde possamos, de forma organizada, politizada, transformar a nossa e todas as imagens de opressão que o espelho reflita” (2009, p.190, grifo do autor).

Quando se trabalha com o Teatro do Oprimido é importante trazer a consciência de que a teatralidade é um fator inerente à psique humana, logo, o espaço da cena é um território que pertence a todas(os). Para mostrar isso, Boal cunhou os termos *espect-atriz* e *espect-ator*, que se tornaram palavra chave para as ações do TO. A ideia é pontuar que somos todas(os) atrizes/atores porque agimos e espectadoras(es) porque observamos. Partindo disso, qualquer ser humano a qualquer momento está pronto para entrar em cena e propor. Essa compreensão é muito importante para a realização das práticas do arsenal do oprimido. Para Boal:

Convém não esquecer que ser humano é ser artista e ser artista é ser humano.
Arte é vocação humana, é o que de mais humano existe no ser. Para alguns
de nós tornou-se profissão, mas continua sendo uma democrática vocação.

¹ Os projetos de extensão são um dos três pilares de trabalho das universidades brasileiras atualmente, que são: o ensino, a pesquisa e a extensão. O objetivo da extensão é realizar um intercâmbio de saberes entre a universidade e as comunidades que existem fora do contexto acadêmico.



Nenhum de nós tem que ser melhor que ninguém; cada um de nós pode sempre ser melhor que si mesmo. (BOAL, 2008, p.138)

Outro aspecto importante de abordar é que uma das principais metas do Teatro do Oprimido é estimular as espect-atrizes e o espect-atores a transcenderem a esfera hipotética criada na cena e partirem para a ação concreta. Sobre isso, Boal explica:

Na verdade, uma sessão de Teatro do Oprimido não deve terminar nunca, porque tudo o que nela acontece deve ser extrapolado na própria vida. O Teatro do Oprimido está no limite entre a ficção e a realidade: é preciso ultrapassar esse limite. E se o espetáculo começa na ficção, o objetivo é se integrar na realidade, na vida. (BOAL, 1998, p.347)

TEATRO DO OPRIMIDO NA COMUNIDADE – TOCO

O projeto de extensão Teatro do Oprimido na Comunidade – TOCO – nasceu em 2010, partindo do interesse dos próprios alunos do curso de Teatro – Licenciatura da UFPel, e é coordenado desde então pela professora do Centro de Artes, Fabiane Tejada. O objetivo do projeto é estudar as obras de Augusto Boal em conjunto com as de Paulo Freire (criador da Pedagogia do Oprimido). Dentro do formato da extensão da universidade, os estudos do grupo são constantemente levados à prática em comunidades. Esse sistema favorece a reflexão a partir da ação prática na realidade.

O TOCO chega às comunidades por convite de alguém que lá esteja interessado nas atividades propostas pelo Teatro do Oprimido. Em geral, a busca se dá porque essa pessoa já observa algumas opressões que acontecem naquele contexto. A partir daí os extensionistas (estudantes





do Curso de Teatro ou de outros cursos da UFPE) vão até a comunidade, oferecem oficinas e acompanham a jornada do grupo que se constituiu, fomentando suas propostas e ajudando no que for possível para que os debates se tornem ações transformadoras.

A ideia a longo prazo é permanecer atuando no local até que surjam, dentre as pessoas da própria comunidade, aqueles que se interessem em multiplicar essas práticas com mais autonomia. No entanto, até o presente momento esse objetivo de longo prazo ainda não se concretizou. A razão disso é que, conforme as discussões tomam força de mobilização social, alguns indivíduos da comunidade se incomodam com o movimento e buscam formas de desarticular nosso trabalho. Isso já aconteceu algumas vezes e vou apresentar aqui como exemplo o caso ocorrido em 2011 na comunidade de um bairro de Pelotas. Quando o grupo de mulheres que estava participando das oficinas decidiu que faria uma cena-fórum em frente à prefeitura do bairro para reivindicar direitos, logo desarticularam o espaço físico para os encontros, que posteriormente deixaram de acontecer por falta de apoio. Apesar disso, o TOCO segue seus trabalhos em comunidades, perseguindo o objetivo de consolidar um grupo autônomo no local.

Outra forma de atuação do TOCO na comunidade é em eventos. Somos convidados a participar de ações pontuais em escolas e universidades como simpósios, congressos, jornadas ou encontros de debates políticos. Nesses casos, oferecemos oficinas e/ou apresentamos algumas de nossas cenas-fórum. Essas cenas são criadas por nós mesmos, extensionistas, a partir das opressões que vivenciamos. Levamos nossas cenas para serem discutidas nos eventos, quando não há tempo hábil para que se construa uma cena com o grupo presente. Nesses casos, para contemplar a maioria, escolhemos como tema opressões mais disseminadas como o machismo, por exemplo. Esse tipo de trabalho gera visibilidade para o Teatro do Oprimido e para o TOCO, garantindo mais convites para trabalhos em longo prazo.

Um formato interessante de evento do qual participamos foi um curso de formação continuada para professoras e professores da rede pública, que foi organizado pela 5ª Coordenadoria Regional de Educação (CRE) de Pelotas em 2017. Durante encontros semanais estivemos presentes propondo pontualmente atividades do arsenal do oprimido com o objetivo de incentivar as/os docentes a investirem em algumas propostas de Augusto Boal em sala de aula.





REFLEXÕES SOBRE A JORNADA DAS TOCOMINAS E DOS TOCOMANOS²



Após esclarecer a metodologia de trabalho do TOCO na comunidade, vou focar na reflexão sobre jornada que os alunos extensionistas trilham dentro do projeto. Os estudantes que desejem participar do TOCO devem ficar atentos ao período em que o grupo divulga o Oficinão do TOCO. A cada início de ano letivo na UFPel, o grupo abre oficinas com o objetivo de formação inicial no Teatro do Oprimido para aqueles que queiram participar como extensionistas ou até mesmo para aqueles que queiram conhecer mais sobre o trabalho. Essas aulas são ministradas pelos próprios extensionistas com o apoio e orientação da coordenadora Fabiane. Esse sistema colabora com o fluxo de troca de saberes e se conecta com as ideias do educador Paulo Freire, que diz que para ele “[...] o processo de aprender, o processo de ensinar são, antes de tudo, processo de produção de saber, de produção de conhecimento, e não de transferência de conhecimento.” (2013, pg. 160). Os participantes que se identificam com a proposta, ao final da formação, passam a integrar-se ao grupo de extensionistas/pesquisadores.

Durante o Oficinão do TOCO que aconteceu em abril de 2018 fiz uma breve entrevista com os participantes. Meu objetivo era investigar como havia nascido neles o interesse pelo Teatro do Oprimido e o que esperavam do projeto. Os áudios dessas declarações foram gravados e posteriormente transcritos para fins de registro. Ao analisar cada depoimento pude capturar pistas do perfil de estudante universitário que busca o projeto. As TOCOminas e os TOCOmanos em potencial são alunas(os) que apresentam fome de viver, experiências em “dar aulas” e sabem do valor que existe na troca com a comunidade. Além disso, são pessoas que não se conformam com a organização desigual com qual a nossa sociedade se configura.

2 Forma carinhosa com a qual nos referimos uns aos outros entre os extensionistas do projeto de extensão Teatro do Oprimido na Comunidade.



O que a observação desse perfil de estudante pode estar nos apontando é que os estudos de Paulo Freire e de Augusto Boal parecem ser convidativos para aqueles estudantes disponíveis a olhar o teatro e a educação como práticas essencialmente políticas. Sobre a natureza política da educação, Paulo Freire diz:

A gente precisa estar advertido da natureza política da educação. Quando eu digo natureza política da educação, eu quero salientar que a educação é um ato político. Por isso mesmo não há por que falar de um caráter ou de um aspecto político da educação, como se ela tivesse apenas um aspecto político, mas não fosse uma prática política. [...] Na verdade o educador é um político, é um artista, ele não é só um técnico, que se serve de técnicos, que se serve de ciência. E por isso mesmo ele tem que ter uma opção, e essa opção é política, não é puramente pedagógica, porque não existe essa pedagogia pura (FREIRE, 2013, p.40).

Para seguir na investigação de como as práticas do TOCO podem reverberar na formação de professores de teatro, farei uma breve análise de algumas das minhas experiências como extensionista do projeto há pouco mais de um ano. Penso que isso talvez possa nos mostrar, com o olhar de uma lupa, que tipo de reflexão tais vivências são capazes de gerar na(na) professora/professor em formação.

Uma de minhas primeiras experiências em comunidade como TOCOmina foi em 2017 através do convite para colaborarmos com o trabalho da Rede Emancipa, que dava seus primeiros passos em Pelotas no bairro da Guabiroba. Presente em sete estados brasileiros, a Rede Emancipa³ é fruto da iniciativa e do investimento de alunas(os) e professoras/professores com o desejo de construir um cursinho pré-vestibular calcado nas ideias de educação popular. Para eles, o atual sistema educacional brasileiro reproduz desigualdades, naturaliza injustiças e condena estudantes de escolas públicas à subalternidade. Em busca de reduzir esse abismo social, professoras/professores – graduadas(os) ou universitárias(os) – oferecem voluntariamente aulas gratuitas para estudantes que desejam ingressar no ensino superior público.

Acompanhei algumas aulas do citado projeto e posteriormente ministrei sozinha uma oficina de Teatro do Oprimido para as alunas e alunos. Essa experiência foi desafiadora e através dela pude capturar aprendizados de três tipos. O primeiro deles se refere a questões didáticas da sala de

³ Para mais informações sobre a Rede Emancipa, acesse o site www.rede-emancipa.org.br.





aula, como por exemplo, treinar uma escuta sensível do grupo ou direcionar as conduções de forma mais precisa. O segundo tipo de aprendizado se refere diretamente aos possíveis debates que o TO pode suscitar e de que formas posso aproveitá-los ao máximo com a turma. O terceiro tipo de aprendizado é uma reflexão mais profunda sobre o sistema educacional na perspectiva da Educação Popular. Conhecer de perto um cursinho pré-vestibular como é a Rede Emancipa me fez perceber que o vestibular é apenas uma peça da engrenagem responsável por separar aqueles que poderão ou não ter acesso à universidade a partir de critérios elitistas.

Como extensionista do TOCO, também tive a oportunidade de acompanhar um curso de formação continuada para professores da rede pública de ensino que foi proposto pela 5ª CRE, que me referi anteriormente. Nos encontros em que estivemos presentes, nossos objetivos eram assistir às palestras apresentadas e, nos minutos finais, propor ao grupo algumas atividades do arsenal do Oprimido com o desafio de tentar construir conexões entre nossos exercícios e os temas de cada encontro. Nessa empreitada pude tomar contato com diversos conflitos presentes no “chão da escola” (termo cunhado por Paulo Freire) através das narrativas das professoras e dos professores. Alguns dos debates gerados nesses encontros me levaram a fazer reflexões que considerarei muito importantes para minha formação. Dentre eles posso citar o combate ao *bullying*⁴; o acolhimento de alunos com deficiência ou necessidades especiais de aprendizado; a importância da parceria entre escola e família; estratégias para despertar a curiosidade dos alunos e a democratização do ensino.

Outra troca muito rica que pude vivenciar com o grupo de educadoras(es) articuladas(os) pela da 5ª CRE foi a de ouvir o que elas(es) tinham a dizer a respeito da aplicabilidade, em contexto escolar, dos exercícios de TO que foram propostos. Penso que isso tenha se dado pelo fato de o grupo ser composto de educadoras(es) de diferentes disciplinas do currículo. A partir dessas pluralidades cada professor pôde pensar formas inovadoras de como utilizar as práticas de Boal em sala de aula conectando-as com seu conteúdo e também com temas transversais. Uma prova disso veio alguns meses depois, na ocasião de um seminário realizado pelos alunos de estágio do curso de Teatro da UFPel. Uma professora convidada comentou ter utilizado, em suas aulas de filosofia, alguns exercícios que conheceu através desses encontros. Penso que os fatos apresentados podem conduzir nosso olhar investigativo para dois aspectos. Um deles aponta para o potencial de transdisciplinaridade⁵ presente nos jogos do Teatro do Oprimido. O outro aspecto aponta para a efetividade do intercâmbio de conhecimentos proposto pela extensão. Explico: no

4 *Bullying* é um termo da língua inglesa (bully significa valentão) que representa toda forma de agressão intencional e repetitiva praticada por uma ou mais pessoas com o objetivo de intimidar e/ou ferir o outro sem que ele tenha possibilidade de se defender.

5 Nas palavras de Basarab Nicolescu, criador desse termo: “A transdisciplinaridade como o prefixo ‘trans’ indica, diz respeito aquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das disciplinas e além de qualquer disciplina. Seu objetivo é a compreensão do mundo presente para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento.” (1999, grifo do autor).





caso aqui colocado, a troca apresentou valor tanto para os alunos extensionistas quanto para o grupo de professores que representam a comunidade. Além disso, essas trocas geraram desdobramentos que, a meu ver, multiplicam esse valor. Um exemplo disso é a troca que aconteceu entre a professora de filosofia e seus alunos após ela ter participado de nossos encontros.



TOCO NO COLÉGIO SANTA RITA

Em junho deste ano o projeto TOCO foi convidado pelo Colégio Estadual Santa Rita a propor atividades à sua comunidade. Em visita ao espaço físico da escola, ouvimos as dirigentes pedagógicas sobre as relações oprimido/opressor que elas já enxergavam no cotidiano escolar que eram, principalmente, o *bullying*, a homofobia e a transfobia. Segundo elas, essas e outras situações de opressão colaboram muito com a evasão escolar. Após um período debatendo possibilidades, ficou decidido que o TOCO ofereceria semanalmente à comunidade escolar, oficinas de Teatro do Oprimido em cada um dos três turnos. Iniciamos as práticas em sala de aula no mês de agosto.

Apesar de o trabalho ter se iniciado recentemente, acredito já ter encontrado algumas pistas importantes para a pesquisa. Elas parecem apontar para a possibilidade de que essa empreitada assuma um papel relevante tanto para a formação dos extensionistas do TOCO quanto para o desenvolvimento da comunidade escolar no Colégio Santa Rita. Então, seguindo nossa investigação, tentarei expor alguns dos argumentos que estou considerando pistas dessa hipótese.

O primeiro deles, que vamos chamar de argumento A, é o fato de existirem, no grupo TOCO, extensionistas que estão vivenciando agora no Colégio Santa Rita suas primeiras experiências como professores no “chão da escola”. Isso significa que essa empreitada já é um marco na formação das(os) mesmas(os).



O argumento seguinte, que chamaremos de B, é o fato de que, mesmo com poucas aulas, a prática já nos colocou “cara a cara” com alguns dos conflitos que nos haviam sido comentados pelo grupo de Professores da 5ª CRE meses antes. O interessante disso é que o trabalho no Colégio Santa Rita está nos oportunizando vivenciar desdobramentos de aprendizados que já havíamos começado em etapas anteriores. Com isso quero atentar para o fato de que esse projeto pode marcar uma nova etapa no fluxo de aprendizado dos extensionistas e, quem sabe, na história do TOCO.

O argumento C é a frustração. Explico: antes de iniciarmos nosso trabalho prático no Colégio Santa Rita eu observava que nas reuniões de planejamento e avaliação de práticas do TOCO era menos comum que relatássemos sentimentos de frustração em relação às experiências nas comunidades. No entanto, já nas primeiras semanas após o início dessa nova empreitada choveram relatos de situações nas quais nos vimos perdidas(os), ou que nossas propostas não tenham funcionado conforme o esperado. Acredito que, do ponto de vista de nosso desenvolvimento como professores, esse seja um bom sinal. A razão disso é que, como estamos fora da zona de conforto, vamos sendo impelidos a buscar novos caminhos, expandindo assim os horizontes de nossa práxis.

Como último argumento, que será o D, apresentarei um relato mais pessoal de algumas experiências que tive no Colégio Santa Rita. O objetivo disso é mostrar, com o olhar de uma lupa, como e por que as vivências a seguir relatadas foram marcantes na minha jornada como professora de teatro.

Uma colega TOCOmina e eu optamos por trabalhar no Colégio Santa Rita no turno da noite. Escolhemos as sextas-feiras para nossas aulas como uma tentativa de combater a evasão, que segundo a direção, é mais intensa nesse dia da semana. Em nosso primeiro encontro estava chovendo intensamente e, em decorrência disso, a evasão foi ainda mais severa. Quando a coordenação já estudava a ideia de cancelar a aula e liberar as(os) alunas(os), nós propomos que ao invés disso, juntássemos todas(os) as(os) alunas(os) e todas(os) as(os) professoras(es) presentes na escola para a oficina de teatro. Assim foi feito.

No encontro seguinte fomos recebidas na escola com uma notícia inesperada: um dos alunos presentes na oficina anterior havia falecido dias antes. O clima estava tenso pelos corredores. Justo naquele dia, a escola havia convidado os familiares desse aluno para vir à escola para um



jantar e uma conversa. Quando a mãe chegou foi abraçada por algumas(uns) professoras(es). Nós também a abraçamos e devo confessar que aquela situação de “acalantar uma mãe que perdeu o filho” foi bastante forte para mim, me senti uma estrangeira. Mal havia chegado àquela comunidade e já estava participando de um momento tão sensível. Sentamos para jantar em um silêncio ensurdecedor. Depois disso algumas(uns) professoras(es) fizeram discursos sobre a vida, o tempo, Deus, a amizade ou qualquer outra coisa que lhes pareceu por bem dizer.

Findada essa estranha “cerimônia”, era hora da oficina de teatro, sem nem mesmo intervalo entre uma coisa e outra. Ao entrar na sala, observei as(os) alunas(os) sentadas(os) olhando para o chão e me perguntei sinceramente: “será que o que essas pessoas precisam agora, depois de todo esse abalo, é realmente de uma aula de teatro?” Senti um arrepio na espinha por estar com essa responsabilidade nas mãos, já que todas(os) estavam muito sentidos e eu sabia que precisaria agir com sabedoria e sensibilidade para não piorar a situação.

Minha primeira pergunta para o grupo foi “você estão a fim de ter aula de teatro?”. Olharam com cara de espanto, acredito que não esperavam tal questionamento. Após um silêncio de entre olhares, responderam que sim, embora seus corpos e olhares dissessem o contrário. Havia um garoto que estava visivelmente irritado com aquilo tudo. Ele sentou-se afastado do grupo e na primeira oportunidade fugiu da sala.

Conversamos um pouco com o grupo, falamos sobre a proposta do Teatro do Oprimido e fizemos alguns exercícios tímidos. Em nossa conversa final (que é uma prática costumeira do TOCO) elas(es) falaram muito sobre *bullying*. Um dos participantes da oficina era ex-aluno da escola e irmão do rapaz que faleceu. Ele nos contou que decidiu pedir transferência para outra escola porque estava sofrendo ataques por homofobia ali por parte de alguns colegas e os opressores o perseguiram depois da aula ameaçadoramente.

Após a oficina fiquei conversando com uma aluna. Ela me disse que sofre *bullying* desde sempre e que já havia tentado suicídio por conta disso. Também falou que o rapaz que faleceu era um dos poucos que a tratava com respeito e recriminava os comportamentos opressores da turma. Lágrimas sentidas correram por seu rosto e nos abraçamos. Eu disse que sempre que ela quisesse poderia levantar esse tema nas nossas aulas e que tentaríamos ajudar no que fosse possível.



Voltei para casa naquela noite com muitas perguntas ainda sem resposta. Qual o verdadeiro papel da escola? O que os alunos esperam do espaço escolar? Como abordar esses temas tão fortes sem ferir a sensibilidade de ninguém? Como contemplar tantas complexidades? Vivenciar esses acontecimentos me proporcionou um olhar mais amplo sobre a escola e a tarefa da educação. Também refleti sobre a relação da escola com a família e com a sociedade. Eu havia estado completamente fora de minha zona de conforto e talvez seja justamente esse o valor dessa experiência. Sobre o trabalho engajado com a libertação no campo da educação, Paulo Freire diz:

[...] em todo trabalho de educação, político, portanto em todo trabalho de libertação e em todo o trabalho humano, existe risco. Agora, ou você corre risco ou você se suicida. Existir é arriscar. Existir, no sentido mais indefinido possível, e por isso mesmo mais radical, é arriscar. E nem por isso a gente deixa de existir porque está aqui. E o bacana da existência é que é arriscada. Imagina se não fosse, era chato pra burro (FREIRE, 2013, p.54).

Partindo da fala de Freire, acredito que poderia dizer que, ao pisar naquela sala de aula enfrentando a complexidade do caso, pude sentir o perfume do risco em minhas narinas. Observei a existência acontecendo naquele instante. Sobre a vocação do educador, o professor e filósofo Mário Sérgio Cortella. Diz:

É uma missão, mas não no sentido que já se trabalhou várias vezes no campo da educação, como uma vocação, que significa “chamamento”. Muita gente usa essa palavra “vocação” em educação como um chamamento externo. Entendo vocação, missão, como um apelo interno. E, a partir dele, quero me agregar a outros que o façam também para que avancemos em direção àquilo que eleve a vida da comunidade. Isto é, que se faça política, no sentido mais descente que possa fazer. (CORTELLA, 2015, p. 51 -52)

Partindo dessa ideia de chamamento interno, acredito que possa dizer que naquela noite esse chamado foi quase ensurdecador dentro de mim. No decorrer de minha trajetória vou tomando cada vez mais consciência da responsabilidade social que tenho em minhas mãos como professora. Com esse relato pretendi mostrar como e por que o trabalho do TOCO no colégio Santa Rita possui relevância em minha jornada como docente.



ALGUNS FRUTOS DO TOCO JÁ MOSTRAM SINAIS DE MATURIDADE



Recentemente entrevistei uma ex participante do TOCO (vamos chamá-la de Z) que esteve no grupo entre 2012 e 2014 e se formou no curso de Teatro – Licenciatura da UFPel. Atualmente, Z trabalha como professora da rede pública de ensino. O objetivo da entrevista era investigar como, para ela, as experiências do TOCO haviam reverberado em sua formação.

Em sua fala, Z ressaltou quatro aspectos de sua formação com os quais as experiências com o TOCO contribuíram. O primeiro deles foi a sua formação como professora. Ela conta que através do projeto teve várias experiências como professora antes mesmo de cursar as disciplinas de estágio e considera que isso foi relevante no seu processo de aprendizado.

Sua formação humana foi o segundo aspecto citada por Z. Ela ressaltou o fato de que as experiências que vivenciou no TOCO a estimularam a desenvolver um pouco mais sua capacidade de se pôr no lugar do outro. Também disse que foi importante compreender o conceito de lugar de fala, que embora não seja um termo cunhado por Boal e nem por Freire, se conecta com o trabalho.

O terceiro aspecto de sua formação que recebeu contribuições do TOCO foi o acadêmico. Através da rotina de estudos do grupo conseguiu desenvolver um pouco mais de disciplina nas leituras e também pode refletir melhor sobre o fluxo que existe entre teoria e prática.

Por fim, Z afirma que sua formação política também foi marcada pelas experiências com o Teatro do Oprimido no projeto TOCO e que hoje em seu trabalho como professora a consciência da natureza política da educação é fundamental.

Trouxe esse relato com o objetivo de sugerir que tipo de resultado pode ser gerado em longo prazo através das experiências que o TOCO proporciona aos extensionistas em formação.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou efetuar um relato de experiências que possam contribuir para a compreensão de como o Teatro do Oprimido pode agregar valor à formação de professores de teatro e também à extensão universitária. O TOCO é um coletivo que, a meu ver, gera transformações dentro e fora da universidade, dentro e fora dos indivíduos. Sobre conjuntos modificadores, Boal diz:

O mais valente soldado não é um exército, nem a mais preciosa bailarina é um corpo de baile. As transformações que se operam nos indivíduos modificam os conjuntos aos quais eles pertencem e estes alteram aqueles. Existe interatividade permanente, o que significa permanente transformação: nada resta igual a si mesmo (BOAL, 2009, p.101).

Ainda sobre o conceito de conjunto, Boal escreve que um coletivo é sempre mais do que a simples soma dos indivíduos que o compõe porque a coletividade gera uma sinergia, um campo de força que pertence ao conjunto, mas que retorna ao indivíduo potencializando-o. Por exemplo, um grupo de manifestantes nas ruas, um grupo de religiosos em ritual ou um grupo de crianças brincando. Para mim, o TOCO é um desses conjuntos.

REFERÊNCIAS

- » BOAL, Augusto. *A Estética do Oprimido*. Rio de Janeiro. Garamond, 2009.
- » _____. *Jogos Para Atores e Não Atores*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1998.
- » CORTELLA, Mário Sérgio. *Educação, Convivência e Ético: Audácia e Esperança!* São Paulo: Cortez. 2015.
- » FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Tolerância*, Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 2013.
- » NICOLESCU, Basarab. *O Manifesto da Transdisciplinalidade*. Triom: São Paulo, 1999.